



GÊNERO, VELHICE E MEMÓRIA UM ESTUDO SOBRE A VELHICE MASCULINA NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA-PR

Rosemeri Monteiro Vedan¹

Estudos realizados na área da gerontologia, e aqui incluímos nossa pesquisa de mestrado, demonstram que as instituições e os profissionais que operam políticas em favor do idoso nem sempre se dão conta da influência de uma ideologia dominante da velhice; que associa esta a um processo de sucessivas limitações e dependências. Assim, as ações voltadas para este segmento populacional acabam não apenas traduzindo construções sociais, históricas e culturais sobre a velhice, mas favorecem a cristalização de certos comportamentos esperados para esta fase da vida. Muitas vezes, os profissionais, que trabalham com idosos acreditam no seu potencial, porém condicionam este a limitações da velhice. Neste sentido, Liberalesso (2000) alerta que as informações não são o único requisito para garantir um trabalho em prol dos que envelhecem. Crucial é tomar consciência de que o meu modelo de “velho” orienta minha intervenção.

O processo de envelhecimento aparece como um problema sociológico de difícil aceitação. Não queremos envelhecer, não queremos ser velhos, muito embora tal situação ocorra a nossa revelia. “Envelhecer é mais um aspecto da dialética do mesmo e do outro na tensão entre vida e morte, entre o desejo da permanência e a inexorabilidade da destruição. O signo dessa tensão é a finitude que se reconhece no existir humano, na dialética da facticidade e da transcendência. O fato experimentado do envelhecer nos confronta diretamente com nossos limites” (ZUBEN apud LIBERALESSO, 2001, p. 160).

A sociedade atribui ao idoso, nos diferentes contextos históricos, determinados papéis que julga coerentes com a sua idade e este, por sua vez, os incorpora, legitimando o processo que o submete, muitas vezes, à exclusão.

Muitas vezes, o processo de envelhecimento é permeado por teorias e propostas de ação que fazem alusão a uma suposta potencialidade que o idoso mantém, apesar da idade, porém as ações o desqualificam muitas vezes para assumir o papel de direito que lhe cabe no contexto social, pois ora tais programas enfatizam aspectos ligados ao lazer, ora ao artesanato ou, ainda, a ações ligadas à saúde, entre tantas outras.

¹ Mestre em Ciências Sociais Aplicadas e professora da Universidade Federal do Paraná.
rosevedan@yahoo.com.br



O que sempre nos incomodou não foi o caráter de cada programa, mas a ênfase que se dá a alguns aspectos que contribuem para a construção de uma representação social da velhice, que coloca o indivíduo idoso como “a criança grande que quer brincar ou ganhar doces”. Ou, ainda, porque lhe atribuem valorações, tais como “que bonitinho”, “que engraçadinho”, como se certos comportamentos, a partir de uma determinada idade, fossem motivos de elogios e incentivos. Retira-se a autonomia do idoso e o seu valor de ser, que lhe é ontológico. “Esquecem-se de que o idoso é um adulto e não uma criança fragilizada” (LIBERALESSO, 2000, p. 49).

O que defendemos para o idoso é esta possibilidade de valorização ou desvalorização, elogio ou crítica, não porque é idoso (neste caso, parece já vir implícita a idéia de “coitado”), mas porque é um pessoa; suscetível a erros e acertos, a bondades e maldades, a desafios e realizações, como qualquer pessoa, em qualquer idade.

A velhice povoa os distintos universos masculino e feminino, como algo contra o qual não se pode lutar, mas do qual se quer fugir ao máximo, adiando o quanto for possível aquilo que consideramos um marco em nossa existência finita.

Envelhecer é um processo inerente à própria existência. Seres vivos, assim como objetos, envelhecem; o homem, portanto, inicia seu processo de envelhecimento a partir da concepção.

A velhice estaria relacionada a um momento, a uma condição, não contemplando o processo mais amplo e inerente ao seres humanos desde o seu nascimento, processo este que estaria definido no termo envelhecimento: “o envelhecimento é um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida. É feito de uma sucessão de perdas e aquisições [...]” (BRUNO, 2000, p. 19).

O critério cronológico funciona como referência, auxilia-nos na organização de papéis e eventos pertinentes à vida social, considerando que vivemos em um mundo temporalizado. Para Gusmão (apud NERI, 2001), as sociedades modernas parecem estar imbuídas de que a velhice é em preto e branco, pois cada vez mais ocupam-se em refletir, analisar e discutir sobre ela, na busca de alternativas para os idosos, como se pelo fato de estes terem vivido alguns anos a mais, necessitassem que outros, mais jovens, lhes construíssem alternativas de vida. Retira-se a autonomia do sujeito idoso e procura-se preencher-lhe o tempo, como se nesta etapa da vida do homem o tempo fosse apenas uma sucessão de horas que precisam de ocupação, face ao tédio imposto pelo envelhecimento. A autora segue indagando: seria o velho tal como o selvagem do passado ocidental, um ser destituído e dependente, que necessita ter a si, seus bens e a própria vida



geridos por outrem? Poderia o velho escolher um caminho próprio e ser feliz a partir da sua escolha?

Os costumes, as normas e os rituais mudaram no tempo. Há alguns anos, por exemplo, os casamentos ocorriam em idade mais precoce, a vida reprodutiva feminina também iniciava e terminava mais cedo. Hoje as normas são outras em função, principalmente, da elevação da expectativa de vida das pessoas. As mudanças sociais e culturais derivadas dos avanços tecnológicos e científicos dão à vida um novo ritmo, com o desenvolvimento de novos valores, normas e regras sociais.

Compreender o envelhecimento a partir desses pressupostos é fundamental para rompermos com a visão a-crítica e a-histórica que reduz a velhice a apenas um aspecto, seja biológico ou psicológico, que centraliza o debate sobre velhice em noções e conceitos que normatizam o processo de envelhecimento, estabelecendo critérios, padrões e noções que convergem para a garantia de um envelhecimento saudável com qualidade, sem que se questione de que qualidade se fala e de que velhice nos falamos. O que se percebe é que, na maioria das vezes, as teorias sobre envelhecimento contribuem para uma adaptação dos sujeitos sociais, adaptação que é externa àqueles que envelhecem.

A categoria gênero aparece como um instrumento fundamental nas análises sobre velhice, uma vez que masculinidade e feminilidade são construções sociais, entendendo gênero como um conjunto de valores que são construídos historicamente e socialmente e que são atribuídos às diferenças sexuais (SAFFIOTI, 2004). Tais valores organizam e constroem expectativas de comportamento e ação para homens e mulheres em contextos sociais diversos.

Assim é que se se espera que o homem cumpra certos papéis relacionados ao provimento da família, pois ainda que a mulher trabalhe, a ênfase maior recai sobre o homem. Para a mulher, reserva-se o papel de mãe e esposa. Na fase da velhice, alguns destes papéis deixam de ser exercidos, o que gera, no idoso, uma situação de carência, dependência e saudosismo, associados muitas vezes a quadros depressivos

As circunstâncias demonstram a necessidade de se olhar para as realidades empíricas em que se insere a subjetividade do idoso, a fim de que se possa fazer uma leitura que nos revele o lugar do velho e da velhice. Precisamos encontrar alternativas de inserção social do idoso que rompa com papéis previstos e prescritos. Nesse sentido, há que se impor uma rebeldia que permita inovar.

Historicamente, os homens vêm exercendo o poder nas diferentes relações que estabelecem no mundo do trabalho, na família e na sociedade de uma maneira geral. Em Bruno (2000),



encontramos uma referência a masculinidade que, segundo ela, é medida pelo poder, pela riqueza e pelo sucesso. O universo que envolve o envelhecimento e a velhice é habitado por várias simbologias, ora ligadas ao gênero, ora ao tempo e ao contexto em que se inserem estes sujeitos. O mundo masculino encontra referência num passado de virilidade, beleza e poder. Já a mulher idosa associa o seu papel a reprodução, juventude e beleza. Porém, constatamos que ambos sonham com o tempo da juventude eterna e talvez da imortalidade.

Além do mais, “nas sociedades modernas, de que fazemos parte, a divisão do trabalho aloca os sujeitos sociais entre os que sabem e podem e os que não sabem ou não podem manipular saberes e experiências para fazê-las render material e simbolicamente” (GUSMÃO apud NERI, 2001, p. 121). O saber acumulado pelo idoso o habilita para um lugar de destaque. Porém, em uma sociedade centrada na força de trabalho do jovem, o idoso torna-se aquele que já não pode responder aos objetivos do sistema. A velhice passa a traduzir inutilidade. Os limites físicos surgem muitas vezes como limitadores de ações tanto por parte dos idosos como por parte dos que pensam programas para os idosos. No entanto há que se distinguir entre limitações reais, decorrentes de patologias, e pseudolimitações que derivam da concepção dominante de velhice que a associa a senilidade. Não podemos esquecer que o conceito de senilidade diz respeito à velhice associada a um estado patológico, ao passo que senescência, segundo Wilson Jacob Filho apud Mascaro (1997), refere-se ao “envelhecimento biológico chamado de fisiológico(...) que é inexorável na velhice”.

Concordamos com MASCARO (1997) quando esta diz que todos os órgãos com o passar dos anos sofrem alterações, porém estas alterações nem sempre se traduzem em insuficiências. Na realidade, os órgãos vão passando por transformações que, uma vez acompanhadas, não comprometem a qualidade de vida do idoso. Há que se considerar que o envelhecimento é uma experiência individual e que toda generalização tende a sufocar a subjetividade que nos faz ser. O envelhecimento coloca os seres humanos diante da possibilidade de se descobrirem maduros. A maturidade ocorre quando “os sujeitos descobrem-se sozinhos e, diante dos fatos, adaptam-se, reagem ou se deixam morrer, social e fisicamente. Porém, não sem luta” (GUSMAO apud NERI, 2001, p. 127).

As diferenças apresentadas entre velhice feminina e masculina não estão condicionadas apenas pela diferença na expectativa de vida, mas são antes determinadas pela forma como a sociedade situa homens e mulheres no seu interior. A experiência adquirida por meio de nossa pesquisa de mestrado nos despertou sobretudo para a compreensão do envelhecimento masculino.



Percebemos que as diferenças entre o se constatar velho que permeiam os imaginários masculino e feminino vão delineando a forma de se colocar no mundo, a qual, no caso dos homens, em função dos papéis vivenciados na juventude e idade adulta, acaba apontando para um lugar de desencontro com o seu verdadeiro “eu”.

A masculinidade se constrói, nas sociedades ocidentais, pautadas em modelos de virilidade, sucesso profissional, poder, heterossexualidade e ascensão econômica. O maior ou menor êxito em um destes aspectos indica o quanto um homem é bem sucedido e conseqüentemente indica seu lugar nesta sociedade.

Na velhice, em função das razões já enumeradas anteriormente, o homem se depara com uma situação em que a sua realidade de idoso não condiz com o modelo hegemônico de masculinidade. Aqui o tempo aparece como algo inexorável, escorregadio, desliza pelas vivências, sinalizando para o idoso o tempo passado como seu tempo, posto que é o tempo da sua juventude. É na fala de Ecléa Bosi (1994) que encontramos eco para nossa afirmação: “a época pertence aos homens mais jovens que nela se realizam por suas atividades, que animam com seus projetos. Improdutivo, ineficaz, o homem idoso aparece a si mesmo como um sobrevivente. É por esta razão que ele se volta (...) para o passado (...) onde ele se considerava um indivíduo inteiro, um vivo”.

Logicamente não pretendemos difundir uma idéia homogênea de envelhecimento masculino, posto que nem todos reagem da mesma forma diante de uma experiência que é individual. Porém, não podemos negar que a construção histórica, social e cultural das masculinidades acaba por gerar padrões de comportamentos hegemônicos.

Sobre isso nos fala Connell apud Palencia e Hidalgo (2001, p. 48-49):

Cada nación construye um modelo de masculinidad respecto al cual cada hombre se referencia. Esta imagen hegemônica de masculinidad se erige mediante la articulacón de diferencias com vários “otros”- lãs minorias raciales o sexuales, y, por supuesto, las mujeres-. La definición hegemônica de masculinidad se contruye en relación a determinadas masculinidades subordinadas, así como em relación a lãs mujeres.

Palencia e Hidalgo ainda nos alertam para o fato de que quando lemos ou pensamos em gênero estamos, na maioria das vezes, falando de mulheres. Os trabalhos que tratam da questão masculina ainda são escassos. No entanto, não podemos falar em desenvolvimento humano sem falarmos de gênero e dos impactos derivados do processo de globalização na vida de homens e mulheres.

A discussão sobre a constituição das masculinidades num mundo globalizado e permeado por pressupostos neoliberais é forçosa para que relações mais justas e igualitárias possam ser edificadas entre sexos, gerações, etnias e minorias.



As masculinidades são construídas em relação com as feminilidades. “El género no es solo un rasgo de los individuos sino un proceso institucional y una dinámica de relaciones de poder entre distintos grupos.(...) el poder de los hombres sobre las mujeres y sobre otros hombres” (KIMMEL apud PALENCIA e HIDALGO, 2001, p. 47).

Assim, entendemos que o homem idoso se sente postergado em sua masculinidade em função das relações de poder que se estabelecem a partir de uma supervalorização da juventude, pela relação de dependência em relação à mulher que se torna mais evidente na velhice e pelas dificuldades em cumprir com os papéis historicamente construídos. Como a chegada da velhice, algumas vezes, coincide com a aposentadoria, o homem parece retirado não só do mercado de trabalho, mas de todo um universo, de uma teatralização do ser homem em uma sociedade em que “não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas (...) mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade” (TORRÃO FILHO, 2005, p. 139).

As relações entre homens e mulheres e destes com a família e com o trabalho não são experiências isoladas. São antes consequências de políticas de gênero muito bem determinadas e institucionalizadas. Apoiados nos argumentos de Joanne Neff, podemos afirmar que a violência que os homens praticam contra mulheres e outros homens, sobretudo por razões homofóbicas, decorrem do stress e da angústia gerados pela necessidade de se cumprir o modelo hegemônico de masculinidade.

O idoso ao tentar cumprir com este modelo de masculinidade, vê-se em uma situação duplamente perversa, qual seja o enfrentamento dos estigmas da velhice somados a construção hegemônica da identidade masculinidade. De que forma corresponder a este ideal de homem, em um tempo que parece não lhe pertencer e de um lugar a ele indicado pelas gerações mais jovens? Tal processo consiste em uma brutal violência psicológica, emocional e social.

Para Marc Auge (apud NERI, 2001), na sociedade moderna não há lugares de memórias permanentes, a partir dos quais se definam as possibilidades de pertença individual e coletiva. Em nosso mundo, segundo o autor, a busca do que somos se dá pela busca da imagem do que fomos. Resultante disto, é uma busca irrefreável de nossa identidade, fora de nós mesmos.

Os homens que fizeram parte de nossa pesquisa de mestrado, por meio de suas falas, corroboraram com a tese de uma existência masculina condicionada por determinados papéis que traduzem virilidade e poder. Ambos, poder e virilidade, se expressam na esfera do trabalho. Muitos de nossos entrevistados diziam que, quando jovens, eram mais felizes porque trabalhavam, porque ocupavam posições de chefia dentro da hierarquia da empresa. A concretização do poder, da



virilidade e da força destes homens parece ganhar concretude nos papéis desempenhados no mercado de trabalho. Em alguns momentos, pudemos identificar em suas falas que este papel extrapola a lógica do ambiente de trabalho e invade a esfera doméstica, e o homem segue cumprindo nesta esfera o seu papel de “chefe” da família, exercendo seu poder sobre a mulher e os filhos. Sobre isso nos fala Bonino (apud SEGARRA e CARABI 2000, p. 47):

Los varones se creen con mayor derecho que ellas a la libertad, las oportunidades y el buen trato. Esta creencia está derivada de la construcción patriarcal de la representación de la mujer como idealizada o amenazante, pero sujeto en menos. El modelo de relación con ellas que deviene de esto es el de la complementariedad (la mujer del hombre) siendo el varón el centro activo y modelo de sujeto y la mujer periférica y pasiva admiradora.

Com a chegada da velhice, muitas vezes em função de viuvez ou pela saída dos filhos de casa, mas sobretudo por sua saída do mercado de trabalho, o homem se vê destituído desse seu empoderamento.

Numa construção histórica, as sociedades humanas consolidam formas de se olhar para o velho e definem regras que indicam a este como vivenciar a própria velhice. No entanto, apesar de ser fruto de um processo social e relacional, envelhecer caracteriza-se também por ser uma experiência subjetiva, singular e única. Trata-se de uma situação vivenciada em alguns momentos de forma homogênea, porém, em outros, é marcada pela diferença de acordo com o gênero e a classe social dos indivíduos.

Segundo Motta (1999, p. 193) “a vida social é estruturada em conjuntos de relações que em interface, ou articuladas dinamicamente, lhe dão sentido (...) os mais determinantes desses sistemas de relações são as classes sociais, os gêneros, as idades/gerações e as raças/etnias”. Para a autora, cada conjunto é explicativo de um aspecto da vida social, porém incapaz de isoladamente dar conta de toda a complexidade que permeia o tecido social, mesmo porque “são aspectos co-extensivos, isto é, recobrem-se parcialmente uma à outra” (MOTTA, 1999, p.193).

Na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social, “vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho(a)” (MOTTA, 1999, p. 207). O gênero e a idade aparecem como fundamentos da vida social, expressando relações básicas que tecem identidades. A compreensão do lugar social do velho implica o entendimento de diferenças que se expressam por meio das categorias de gênero e classe social.

Nosso objetivo maior neste texto é compreender a construção da identidade masculina na fase da velhice, entender como os homens percebem a sua masculinidade a partir das suas memórias, posto que a base de nossas inquietações pauta-se, conforme já dissemos, em nossos



estudos anteriores, segundo os quais os homens expressaram-se por meio de suas memórias passadas.

A masculinidade é entendida como construção histórica e social, como bem expressa Alves Pedro, que afirma que, ter “nascido macho, [...] significa para alguém tornar-se homem” (1998, p. 7). O autor prossegue questionando como, a partir da sua singularidade, o indivíduo pode construir a sua particularidade relacionada ao gênero/sexo masculino concretizando sua universalidade como humano, no meio em que vive. Badinter (apud ALVES PEDRO, 1998, p. 20) afirma que “o ser homem, se diz mais no imperativo do que no indicativo. A ordem “seja homem”, tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é, talvez, tão natural quanto se pretende”.

Atualmente, a situação da velhice passa a ser encarada como um problema social resultante das alterações demográficas. No entanto, percebemos que os problemas enfrentados pela velhice brasileira não podem ser tomados como reflexos diretos de um processo demográfico, que altera a estrutura etária da população em geral, mudando a forma piramidal dessa representação.

As situações vivenciadas pelos idosos são, antes, reflexos de uma forma específica de se olhar para o real que se apresenta e uma forma de se representar o aparecer social de forma imediata e, por isso, ideológica.

Homens e mulheres têm suas existências marcadas por diferentes formas de viver e, conseqüentemente, envelhecem de forma diferenciada. O conceito de gênero nos permite compreender as construções sociais e históricas que definem as identidades masculina e feminina.

Interessa-nos principalmente a compreensão da masculinidade na velhice, como um campo de estudos ainda pouco explorado, conseqüentemente carente de informações e indagações. A masculinidade precisa ser compreendida e, para tanto, precisa de visibilidade. Defendendo nosso ponto de vista, o universo masculino da velhice precisa ser penetrado, é preciso dar voz aos sujeitos, na busca de compreensão de como estes reconstroem suas identidades masculinas por meio da releitura de suas experiências.

Ecléa Bosi, amparada na teoria psicossocial de Maurice Halbwachs, afirma que a memória deve ser entendida como fenômeno social. Apropriando-se desta perspectiva, as narrativas das experiências vivenciadas na juventude e na velhice podem ser abordadas de forma comparativa, como reflexão (...), sentimento do feito e do ido, estabelecendo vínculos entre as memórias individuais e coletivas. Dar voz aos idosos significa ouvir suas lembranças de homens que



percorreram caminhos diversos, passaram por múltiplas vivências e hoje evocam releituras de uma temporalidade passada temperada com o presente.

No viés de pensar a relação entre memória e identidade, Michel Pollack orienta que a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo. Portanto, constata-se a ligação entre memória e sentimento de identidade como a criação de sentido da imagem de si, para si e para os outros..” (POLLACK, 1992, p. 204).

defendemos aqui a importância de se garantir a homens e mulheres o seu protagonismo em um processo (envelhecimento) que já se encontra sobrecarregado de estigmas e preconceitos. Pensar o gênero/sexo, significa nos (re)pensarmos enquanto seres humanos; para que homens e mulheres desfrutem de igualdade é preciso entender as tramas que dão concretude a sociedade e nos tornam mais ou menos humanos. A questão, segundo Alves Pedro (1998), não está centrada na diferença homem/mulher, mas no reconhecimento do que os iguala. Para o autor, “é a busca da emancipação que possibilita alguém, seja homem, seja mulher - tornar-se humano”.

Bibliografia

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**, Rio de Janeiro:2007.

BRUNO, M. R. P. **Autonomia e cidadania**: caminhos e possibilidade para o ser idoso. São Paulo: PUC, 2000 [Dissertação Mestrado em Gerontologia].

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE lança o perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios. <http://.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>, capturado da internet em:09/08/02.

MASCARO, S. A. **O que é velhice**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo:Brasiliense,1997.

Motta, Alda Britto da. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. Cadernos Pagu, n 13, 1999: pp. 191-221. UNICAMP: São Paulo.

NERI, A. L. **Maturidade e velhice**: trajetórias individuais e sócio culturais. Coleção Vivacidade, Campinas/São Paulo: Papyrus, 2001.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papyrus, 2000.

Pedro, Wilson Jose Alves. **Homens em Metamorfose: a identidade masculina na contemporaneidade**. Taubaté: Vogal Editora,1998.

Pollack, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.5, 1992.



Revista de Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. V.7. Florianópolis:UFSC, 1999.

Sánchez, Carolina. Hidalgo, Juan Carlos. **Masculino Plural: construcciones de la masculinidad.** Sevilla: Edicions de la Universitat de Lleida, 2001.

Saffioti, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Persu Abramo, 2004- Coleção Brasil Urgente.

Segarra, Marta. Carabí, Ángels (orgs). **Nuevas Masculinidades.** Barcelona: Icaria, 2000.

Torrão, Amílcar Filho. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam.** Cadernos Pagu, n 24, 2005: pp. 127-152. UNICAMP: São Paulo.